

DESIGN INCLUSIVO ENQUANTO ASPECTO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO

Inclusive Design While Project Sustainability Aspect

Arquiteto Pery Roberto Segala de Medeiros, Doutor, Faculdade Cesusc
psegala@gmail.com

Profa. Paola Beatriz May Rebollar, Doutora, Faculdade Cesusc
paola.rebollar@gmail.com

Arquiteta Monna Michelle Faleiros da Cunha Borges
monna.arq@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta o projeto “Design Inclusivo: compreendendo as necessidades dos idosos” desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Prática Profissional em Design de Interiores da Faculdade Cesusc enquanto atividade de iniciação científica e extensão. O objetivo do projeto foi contribuir com a qualidade de vida de idosos em uma instituição de longa permanência. O projeto foi desenvolvido em seis etapas: definição das estratégias; levantamento bibliográfico; discussão teórica; coleta de dados a campo; desenvolvimento das propostas; avaliação das propostas por uma banca. Após a entrevista com os funcionários ficou claro que a maior dificuldade enfrentada pelos idosos é a falta de privacidade nos dormitórios coletivos. As propostas desenvolvidas apresentaram quatro tipos de soluções: biombos retráteis fixados na parede; painéis fixos em MDF e vidro; divisórias em lona estruturada na forma de leque; cortinas deslizantes em blackout maleável. A proposta escolhida pela banca foram as cortinas deslizantes em função de sua adequação à legislação sanitária vigente e custos reduzidos. Para encontrar a solução foi necessário analisar o problema, sintetizar as informações relevantes em um programa de necessidades e avaliar alternativas baseadas nos critérios pré-estabelecidos. O Design apresenta alto potencial de contribuição com todas as camadas sociais, mas é necessário superar limitações estabelecidas pela conjuntura econômica e perceber seu papel diante das demandas da sociedade.

Palavras-chave. Design de Interiores. Inclusão Social. Sustentabilidade Social.

Abstract

This article presents the project "Inclusive Design: Understanding elderly's needs" developed by the Center for Research and Professional Practice in Interior Design of the Cesusc Faculty as an activity of scientific initiation and extension. The objective of the project was to contribute to the quality of life of the elderly in a long-term institution. The project was developed in six stages: definition of strategies; bibliographic survey; theoretical discussion; field data collection; development of proposals; evaluation of proposals by a bank. After the interview with the staff it became clear that

the greatest difficulty faced by the elderly is the lack of privacy in the collective dormitories. The developed proposals presented four types of solutions: retractable screens fixed to the wall; fixed panels in MDF and glass; canvas dividers structured in the form of fan; Sliding curtains in malleable blackout. The proposal chosen by the bank was the sliding curtains due to their suitability to the current sanitary legislation and reduced costs. To find the solution it was necessary to analyze the problem, synthesize the relevant information into a needs program and evaluate alternatives based on pre-established criteria. Design has a high potential for contribution to all social strata, but it is necessary to overcome limitations established by the economic conjuncture and to perceive its role in the demands of society.

Key words. Interior Design. Social Inclusion. Social Sustainability.

1. Introdução

Os Designers procuraram satisfazer as necessidades físicas e psicológicas de seus clientes e dos usuários dos espaços projetados através do seu trabalho. Para poder desempenhar o que se espera de seu trabalho, o Designer precisa desenvolver um conjunto complexo de habilidades e competências, tais como a capacidade para investigar organizar e inovar; para descobrir as respostas aos problemas dos clientes e usuários; para associar considerações técnicas e preocupações relacionadas aos fatores sociais e da harmonia estética; para prever as consequências ambientais, ecológicas econômicas e políticas provocadas pelo seu trabalho (PAPANÉK, 2014).

Durante o processo pedagógico de formação de futuros profissionais da área do Design as habilidades e competências são desenvolvidas de diferentes formas ao longo das diversas disciplinas que compõem o currículo dos cursos superiores. Porém, o trabalho do Designer demanda sutilezas e empatias que dificilmente podem ser ensinadas/aprendidas apenas em situações de sala de aula. Diante desta dificuldade, é relevante o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão universitária que permitam ao estudante entrar em contato com a realidade do trabalho ainda durante sua formação acadêmica.

No quadro de crise ambiental e ética no qual vivemos atualmente a poluição urbana, a pobreza, a insegurança e a falta de liberdade são comuns nos espaços urbanos em muitos lugares do mundo. As sociedades que enfrentam tais problemas precisam urgentemente de novas e radicais abordagens do Design e da Arquitetura. Os Designers de Interiores trabalham, principalmente, no estoque de edificações que foram projetadas sem preocupações inclusivas ou ambientais e, por isso, encontram-se na situação de lidar com o principal problema do ambiente construído (MOXON, 2012).

O contexto econômico mundial e nacional ao qual o Design está submetido não favorece nem a preocupação com a universalidade social nem o comprometimento com as questões ecológicas. A intensa competitividade entre empresas e profissionais, a ênfase do mercado em atender as elites, a busca pela inovação, ainda que incremental ou constituída de deformações do aspecto ou da função, leva a um processo de conformação com a busca obsessiva por dinheiro e reconhecimento. Visando contornar estes problemas do mercado de trabalho e auxiliar os estudantes no desenvolvimento da cidadania, o regulamento do grupo de estudos da referida instituição de ensino superior destaca que as atividades a serem desenvolvidas devem estar vinculadas à “empresa pública, privada, do terceiro setor ou de economia mista, pertinentes como atividade voluntária”. Assim, as atividades desenvolvidas

apresentam cunho social visando atender principalmente aqueles que não tem condições de pagar pelo planejamento dos espaços interiores.

Dentre os grupos sociais que não são alvo comum dos projetos de Design de Interiores destacam-se os idosos que vivem em instituições. Estes espaços, muitas vezes mantidos por doações e atividades voluntárias, apresentam diversos problemas que podem ser resolvidos através de projetos de interiores. Tais intervenções apresentam potencial para melhorar a qualidade de vida dos usuários. Neste contexto, o grupo de estudos vem desenvolvendo um projeto de pesquisa e extensão intitulado “Design Inclusivo: compreendendo as necessidades dos idosos”. Este artigo visa apresentar o referido projeto de pesquisa e extensão desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Prática Profissional em Design da Faculdade Cesusc. As etapas iniciais deste projeto já foram publicadas em Rebollar, Medeiros e Carmo (2017) e Medeiros, Rebollar e Borges (no prelo).

2. Fundamentação Teórica

A sociedade contemporânea enfrenta riscos e incertezas provocados pelas economias mundializadas, problemas provocados pela degradação ambiental provocada pelos sistemas produtivos e pela ocupação humana, bem como, desigualdades territoriais e sociais que promovem a exclusão de “minorias” étnicas e grupos específicos dentro de cada sociedade, como por exemplo, os portadores de necessidades especiais. Momentos de crise provocam instabilidades e inseguranças, mas por outro lado, promovem a discussão e implantação de estratégias que em outras circunstâncias seriam consideradas apenas utopias.

Na lógica de construir estratégias frente a complexa crise contemporânea, já há algumas décadas se fala em ecodesenvolvimento e sustentabilidade. Apesar da imensa diversidade de acepções que tais expressões podem assumir em função daqueles que as utilizam se aceita que fazem parte do raciocínio que as envolvem, os aspectos ecológicos, econômicos e sociais relacionados ao uso dos recursos naturais. Historicamente, o conceito de sustentabilidade foi evoluindo ao longo de décadas tendo início com a discussão sobre direitos humanos e somente mais tarde incorporando as discussões ambientais.

Alguns pesquisadores buscaram destacar a relevância de considerar as pessoas em primeiro lugar (CERNEA, 1986; FRIEDMANN, 1996; SACHS, 2009). Na argumentação de tais pesquisadores, as restrições econômicas e ecológicas afetam positivamente os países desenvolvidos, mas apresentam alto potencial de impactos negativos nas populações carentes dos países subdesenvolvidos. Neste contexto, destaca-se a cruel realidade de que pessoas famintas ou privadas de seus direitos humanos básicos, como liberdade, autonomia e autodeterminação, tem pouca ou nenhuma motivação para se preocupar com o equilíbrio ambiental. Nas palavras de Michael Cernea (1986, p.56) “os povos tem prioridade máxima”.

Sachs (2009) destaca que a sustentabilidade, enquanto projeto nacional ou supranacional, só pode ser alcançada em um processo histórico de apropriação universal da totalidade dos direitos humanos, individuais e coletivos. Este processo deve incluir direitos políticos, cívicos, civis, sociais, econômicos, culturais, bem como, os direitos coletivos ao desenvolvimento, ao meio ambiente e à cidade equilibrada (BOBBIO e LAFER, 1994). Esta apropriação de direitos fornece as bases para um novo contrato social que deve ser honrado pelos Estados. Nesta perspectiva o desenvolvimento seria a “expansão das forças produtivas

da sociedade com o objetivo de alcançar os direitos plenos de cidadania para toda a população” e somente depois disso seria possível discutir e agir na direção da sustentabilidade (FRIEDMANN, 1996, p.166).

Estabelecidos os critérios para alcançar a sustentabilidade social (a saber, o acesso aos direitos humanos), é possível pensar na forma de alcançar a sustentabilidade econômica e ecológica. Enquanto espécie inteligente e com ampla capacidade de adaptação, os humanos devem ser capazes de criar uma economia de permanência, ou seja, um sistema de alocação e transformação de recursos naturais baseado na satisfação das verdadeiras necessidades humanas, limitado pela compreensão dos processos e temporalidades ecológicas (DALY, 2004).

O Design vem aos poucos incorporando estas lógicas. Apesar da existência de diversos profissionais e empresas com trabalhos centrados na sustentabilidade, nesta área do conhecimento ainda predomina de forma contundente o desconhecimento e a confusão teórica no que se refere à questão da sustentabilidade. Por isso, é importante a discussão desta temática nas instituições de ensino, entre professores, profissionais e estudantes. Conforme Pazmino e Santos (2017, p. 15) a

“sustentabilidade ainda não faz parte das matrizes curriculares da maioria dos cursos de Design em SC ... quando o tema é inserido acaba sendo abordado em uma disciplina isolada que geralmente não mantém uma relação interdisciplinar com as outras disciplinas do curso.”

Esta não parece ser uma boa estratégia já que temas como sustentabilidade e inclusão apresentam alto nível de complexidade e envolvem conhecimentos provenientes de diferentes áreas.

Santos (2017, p. 49) destaca que o “design, muitas vezes apontado como uma das profissões que contribui para os problemas ambientais que enfrentamos atualmente, pode e deve desempenhar um papel positivo no processo de mudança” da nossa relação com o ambiente e com nossos semelhantes em direção a equidade e coesão social. Em função do grande impacto que a indústria da construção civil causa ao ambiente e à grande importância que os espaços interiores na vida das pessoas, Designers e Arquitetos podem, de fato, reduzir os efeitos negativos de suas atividades e melhorar consideravelmente a qualidade do ambiente construído, numa perspectiva que englobe os três elementos da sustentabilidade. Do ponto de vista social é possível pensar na diversidade humana e cultural no momento de projetar. Do ponto de vista ecológico é possível assumir um compromisso na especificação de materiais e métodos construtivos de baixo impacto ambiental. Por fim, do ponto de vista econômico é possível reduzir custos aproveitando, pelo menos, as especificidades bioclimáticas locais (ROAF et.al., 2009).

O foco central da discussão sobre o tema da inclusão social diz respeito à busca de estratégias para eliminar as barreiras que promovem a exclusão. Os espaços das edificações que atendem a grupos com necessidades específicas, como idosos, podem ou não favorecer o processo de inclusão de todas as pessoas. As referidas necessidades específicas se expressam nas mais variadas formas, permanentes ou temporárias, físico-motoras, visuais, auditivas, cognitivas, de interação social. Por isso, as estratégias necessárias para proporcionar a inclusão de todos devem ser também amplas e variadas de forma a garantir o

direito constitucional de todos os cidadãos brasileiros de serem tratados como iguais (DISCHINGER e BINS ELY, 2012).

A inclusão das mais variadas condições humanas no conjunto de preocupações relacionadas ao Design é um importante passo para a ampliação do acesso aos direitos por parte de todos os cidadãos. Segundo Araujo (1994) e Guimarães (1995), o investimento em acessibilidade é uma maneira de garantir o direito de ir e vir com segurança e autonomia a uma expressiva parcela da sociedade, possibilitando seu fortalecimento social, político e econômico. A constituição brasileira prevê a igualdade de tratamento entre todos os cidadãos. A legislação brasileira e seu conjunto de normas técnicas possuem uma tradição de amplitude. Da mesma forma, a norma que trata do tema da acessibilidade é ampla e apresenta estratégias para atender as mais variadas necessidades especiais. A norma técnica ABNT 9050/2015 apresenta uma série importante de elementos que precisam ser levados em consideração na elaboração de projetos capazes de atender a este público. Mas, apesar de sua importância, esta norma é uma diretriz e não uma lei. Por conta disso, sua aplicação ainda é restrita e, muitas vezes, só ocorre após intervenção judicial. Somente quando atendidas as demandas específicas dos usuários dos espaços interiores as pessoas obterão condições de liberdade, autonomia e autodeterminação que permitem o desenvolvimento de todo seu potencial, caminhando na direção da sustentabilidade no aspecto social.

3. Procedimentos Metodológicos

O projeto de pesquisa e extensão foi desenvolvido em seis etapas que tiveram início em junho de 2016 e se encerraram em dezembro de 2017. A primeira etapa foi a definição das estratégias de desenvolvimento do projeto. Internamente, o grupo de pesquisa solicitou e recebeu autorização da direção acadêmica e buscou, entre as instituições conveniadas, um local onde o projeto pudesse ser desenvolvido. Foi definida como área de estudo uma instituição de atendimento a idosos localizado em bairro na área de influência da Faculdade.

A segunda etapa constituiu-se da fundamentação teórica e levantamento bibliográfico do projeto no que diz respeito a conceitos como sustentabilidade, inclusão social e ética. Esta etapa foi desenvolvida por sete professores do curso.

A terceira etapa foram os encontros com os vinte e três estudantes envolvidos no projeto e compartilhamento de material bibliográfico. A partir da leitura do material foram conduzidas discussões sobre os principais temas para o desenvolvimento do projeto. Nesta etapa, as noções de interdisciplinaridade, pesquisa e extensão universitária também foram discutidas com os estudantes visando contextualizar a proposta de trabalho.

A quarta etapa foi a coleta de dados a campo. A primeira visita às edificações da instituição atendida ocorreu no dia 18 de abril de 2017. Foram realizadas entrevistas abertas com os funcionários e gestores, a saber, a presidente, a chefe das enfermeiras e a administradora (MARCONI e LAKATOS, 2007). A instituição atende cinquenta e seis idosos (homens e mulheres) permanentemente. Os idosos apresentam diferentes condições de saúde: alguns são lúcidos e se movimentam livremente, outros apresentam restrições de mobilidade, baixa visão e problemas auditivos e alguns idosos possuem deficiências cognitivas graves o que os torna dependentes dos cuidados de enfermagem.

Foi realizado um levantamento físico dos espaços a serem trabalhados e constituído um programa de necessidades (KARLEN, 2010). A instituição conta com quartos duplos que compartilham o mesmo banheiro. Existem oito conjuntos de quartos duplos, ou seja, dezesseis quartos no total. Seis quartos apresentam quatro camas e dez quartos apresentam três camas cada. Os quartos são divididos em duas alas: feminina e masculina, separadas por um pátio interno. Todas as informações coletadas foram registradas em cadernos de campo e fotografias digitais.

A quinta etapa foi o desenvolvimento das propostas pelos estudantes. Como método de projeto, utilizou-se um processo de trabalho em grupo com 4 encontros. Com o objetivo de facilitar o afinamento em 3 ou 4 propostas de projeto a serem apresentadas o grupo de estudantes foi dividido em pequenos grupos de até 3 alunos. Portanto, a turma foi dividida em 12 grupos pequenos. Durante o primeiro encontro, cada um dos grupos elaborou em forma de croquis, soluções de projeto, tendo como base as determinantes identificadas a campo, pesquisas na internet, além do conhecimento já adquirido na etapa do embasamento teórico. No segundo encontro do grupo de alunos, cada um dos 12 pequenos grupos apresentou suas propostas de projeto. Ao final das apresentações, observou-se que seria possível dividir a turma em 4 grandes grupos unindo aqueles que eram semelhantes entre si pelo partido que escolheram para a solução de projeto. Sendo assim, a turma agrupou-se em 4 grandes grupos temáticos. Durante este segundo encontro, cada um dos 4 grupos debateu as ideias, apresentou os prós e contras de cada solução apresentada pelos pequenos grupos, e, diante de muitas possibilidades, afinou em uma só proposta. No terceiro e quarto encontros dos alunos em sala de aula, cada um dos 4 grupos apresentou suas soluções de projeto através de plantas baixas, elevações, perspectivas, maquetes físicas e maquetes eletrônicas.

Na sexta etapa, as propostas foram avaliadas por uma banca composta de três professores do curso e três representantes da instituição onde vivem os idosos. Os grupos de estudantes apresentaram suas propostas no auditório da Faculdade Cesusc. Alguns dias após estas apresentações, o grupo de professores se reuniu com os representantes da instituição de assistência e definiu a proposta mais adequada. Em seguida teve início a composição de orçamentos e definição dos apoiadores financeiros que irão possibilitar a implantação da proposta selecionada.

4. Resultados e Discussão

Dentro do processo educativo, a primeira etapa de qualquer atividade é a confrontação dos estudantes com aquilo que já se conhece sobre um determinado tema. Nesta etapa, espera-se que os envolvidos sejam capazes de desenvolver habilidades de conhecimento e compreensão dos conceitos envolvidos (BLOOM et.al., 1972). Em julho de 2016, os professores que participam do projeto “Design Inclusivo: compreendendo as necessidades dos idosos” definiram o escopo da proposta e os principais conceitos que seriam apresentados e discutidos com os estudantes. Em agosto do mesmo ano tiveram início as reuniões com docentes e discentes. Nestas discussões foram apresentadas as bibliografias básicas a serem estudadas. Após a leitura individual dos materiais foram realizadas rodadas de discussões que permitiram a sistematização dos conhecimentos como foi apresentado na sessão denominada Fundamentação Teórica.

Tomando como base as construções teóricas apresentadas na sessão de fundamentação, os estudantes foram convidados a visitar voluntariamente a instituição selecionada para ser atendida pelo projeto “Design Inclusivo: compreendendo as necessidades dos idosos”. A primeira visita ocorreu em abril de 2017. Nesta ocasião, o grupo foi acompanhado por uma das gestoras que trabalha no setor administrativo da instituição. A partir da entrevista aberta realizada com esta funcionária da instituição foi possível compreender que as atividades estão regradas por leis específicas (BRASIL, 2003, 2005, 2007, 2017) que definem o que pode ser realizado em um projeto de interiores.

Houve pouco contato direto com os idosos porque os gestores entendem que os mesmos não devem ter suas rotinas perturbadas. Diante deste posicionamento, o alvo da visita tornou-se a compreensão dos espaços e dos usos dos ambientes, especialmente, dos dormitórios. A instituição apresenta dormitórios coletivos femininos e masculinos padronizados (**Erro! Fonte de referência não encontrada.** e 2).

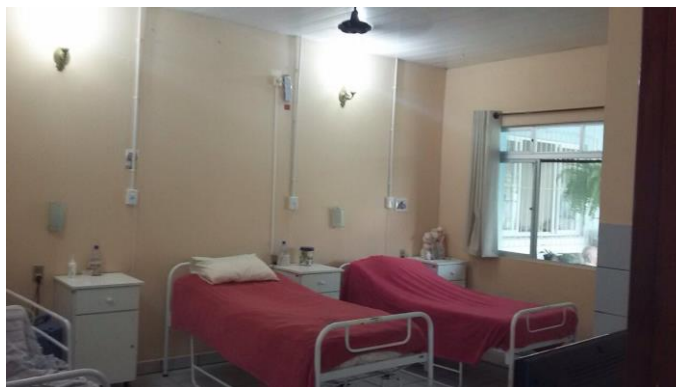


Figura 1: Dormitório coletivo feminino.

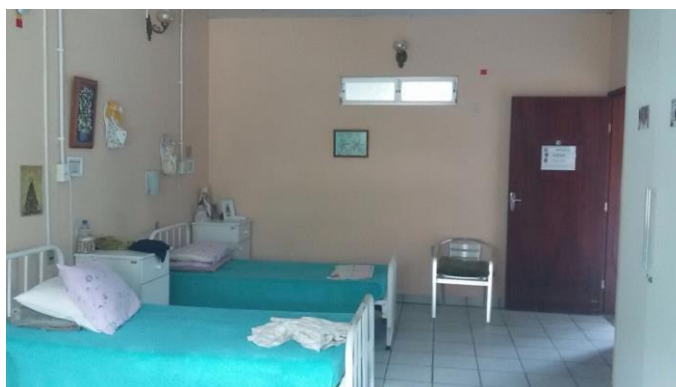


Figura 2: Dormitório coletivo masculino.

Após a entrevista com os funcionários ficou claro que a maior dificuldade enfrentada atualmente tem relação com a falta de privacidade enfrentada pelos idosos que compartilham os dormitórios coletivos. Esta necessidade é derivada da dinâmica cotidiana porque alguns idosos utilizam fraldas geriátricas e na hora das trocas é necessário acender a iluminação geral do quarto provocando desconforto nos demais usuários. Também foram relatados conflitos provocados pelo desejo por parte de alguns idosos de ler a noite, o que também demanda o acendimento da iluminação geral, incomodando aqueles que querem dormir. Por fim, foram relatados também conflitos entre os residentes lúcidos e não lúcidos

compartilhando um mesmo quarto. Fernandes (2009) analisando instituições que atendem a idosos no nordeste brasileiro também verificou que os dormitórios coletivos reduzem a privacidade dos moradores.

O grupo em conjunto com os gestores chegou a conclusão de que divisórias entre os leitos e a instalação de iluminação direcionada para cada cama poderiam reduzir os conflitos e a falta de privacidade. Porém, as instituições de assistência aos idosos estão submetidas a uma série de legislações relacionadas, principalmente, com segurança e higiene que restringem a forma como poderiam ser instaladas divisórias. Além disso, ficou claro que a instituição não dispõe de recursos para a aquisição e instalação das mesmas. Projetar divisórias capazes de aumentar a privacidade e, conseqüentemente, o conforto dos usuários, com orçamento reduzido e atendendo a todas as exigências legais passou a ser o desafio do grupo que está desenvolvendo o projeto.

Na etapa de apresentação das propostas de projeto, os estudantes estavam divididos em quatro grupo que apresentaram quatro propostas. A primeira proposta sugeriu a instalação de uma divisória sanfonada em PVC com fixação apenas na parede onde ficam as cabeceiras das camas. Esta proposta foi inspirada nos biombos soltos utilizados entre camas de enfermarias em hospitais (Figura 3). Porém, nesta proposta, a divisória ficaria fixa na parede, proporcionando mais estabilidade (Figura 4). É necessário consultar a possibilidade de instalar um rodízio de apoio na parte solta da divisória. Esta sanfona, ao ser dobrada, ocupa uma faixa na parede com largura entre 25 e 30 centímetros.



Figura 3: Inspiração da propostas - biombo hospitalar.

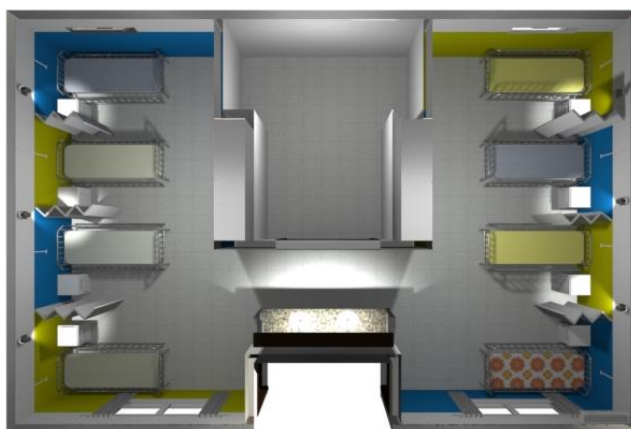


Figura 4: Maquete eletrônica da proposta 1 - biombos

A proposta 2 tem relação com a instalação de um painel fixo em MDF e vidro adesivado (Figura 5). A estrutura possui 5 cm de espessura, por 1,50m de largura e 2m de altura, em MDF liso, na cor branca comum (Figura 6). Na parte superior possui uma área para fechada por um vidro adesivado em cinza claro, barrando parte da luz à noite de uma cama para outra. O mesmo poderá ser usado como mural de fotos. Optou-se por uma estrutura fixa e resistente para proporcionar maior segurança, sensação de privacidade e divisão dos espaços. Propõe-se a utilização de materiais como o vidro e MDF por serem materiais de fácil limpeza e maior durabilidade e com ótimo custo benefício. O Painel não irá até o teto para melhor ventilação e iluminação durante o dia.



Figura 5: Maquete eletrônica da proposta 2 - painel MDF.

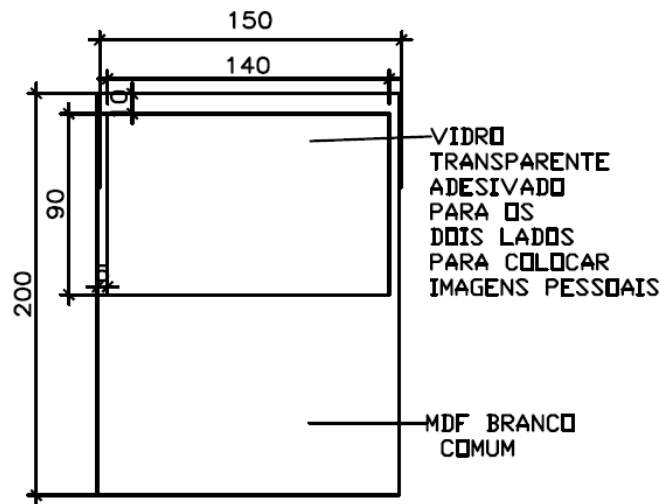


Figura 6: Vista cotada da proposta 2 - painel MDF.

A proposta 3 sugeriu a instalação de uma divisória em lona estruturada em forma de leque (Figura 7). Esta estrutura pode ser construída a partir da tecnologia utilizada em toldos retráteis. Pode ser fixada em uma estrutura metálica fixada na parede das cabeceiras e em um ponto no chão. Permite ser aberta e fixada na parede (Figura 8).

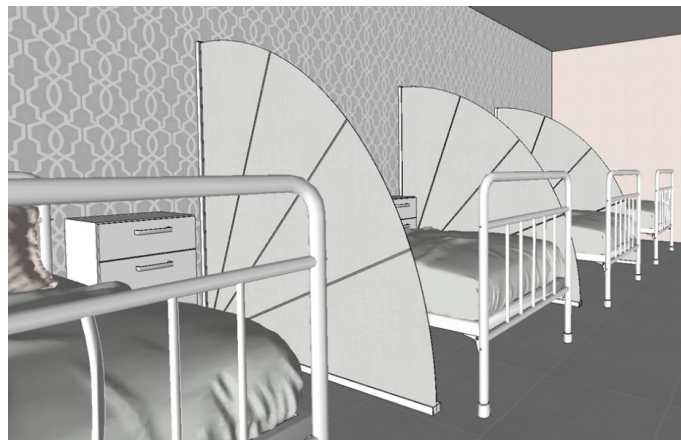


Figura 7: Maquete eletrônica da proposta 3 - divisória em leque.



Figura 8: Maquete física da proposta 3 - divisória em leque.

A proposta 4 sugeriu a instalação de um varão de aço inoxidável ou tubo de ferro com pintura eletrostática, em forma de L, com sustentação no chão (juntamente ao pé da cama) e

na parede, onde possui uma cortina deslizante de tecido blackout maleável (Figura 9). Para a aplicação desta proposta é necessário alterar o posicionamento da cama que fica junto à janela do quarto a fim de que os mastros fiquem rente às camas a fim de evitar que os idosos tropecem neste. A mudança do layout também favorece o acesso à janela por todos os usuários do quarto. Esta solução de projeto proporciona flexibilidade, ao permitir que as cortinas sejam abertas durante o dia.

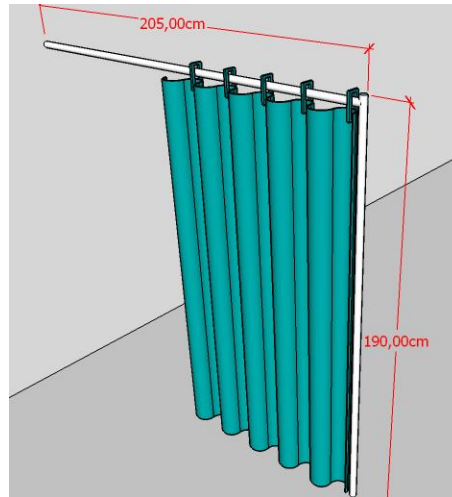


Figura 9. Maquete eletrônica da proposta 4 - cortinas.



Figura 10. Maquete eletrônica da proposta 4 - cortinas.

Na reunião realizada entre os professores e representantes da instituição de assistência aos idosos foram discutidos os detalhes de cada proposta e seu enquadramento nas questões legais e na dinâmica cotidiana dos moradores. Verificou-se que as propostas 1 e 3 apresentavam riscos aos idosos porque possuíam uma aparência de solidez que poderia levar a acidentes já que idosos de baixa visão poderiam interpretar estes elementos como paredes internas e tentar utilizá-las como apoio levando a quedas. Já a proposta 2 apresentava impedimentos legais para sua instalação uma vez que reduz a circulação de ar e dificulta a limpeza do chão.

A análise da proposta 4 apontou que a instalação de um suporte no chão para cada cortina também poderia levar a acidentes. Propôs-se então que todos os varões de cortinas fossem fixados em uma estrutura aérea presa nas paredes laterais de cada quarto (Figura 11). Os estudantes fizeram as alterações na proposta e esta foi aprovada.

O posicionamento de atender voluntariamente as demandas de setores excluídos da sociedade através da oferta dos conhecimentos específicos de uma área vai ao encontro de uma postura ética e cidadã que é fundamental para que o futuro profissional possa projetar pensando na sustentabilidade. O desenvolvimento deste tipo de postura deve ser favorecido durante a formação superior dos estudantes. Conforme indicado por Helferich (2006, p.437), a ética é cada vez mais um tema central na formação profissional em qualquer área. A atitude ética no Design tem início com a conscientização sobre a intenção do Designer e sobre o uso do espaço criado. Ao exercer a atividade, aquilo que se faz dá forma ao que pretendemos para a sociedade. O primeiro passo nesta direção está relacionado ao reconhecimento dos dilemas éticos da profissão de Designer. Esta reflexão não é fácil. Os processos educativos relacionados ao Design são divisivos, por um lado são ensinados e aprendidos aspectos tecnológicos como Design assistido por computador (CAD), materiais e processos contemporâneos e, por outro lado, estimula-se o senso artístico conduzindo, às vezes, a uma estética irresponsável. Diante dessa educação desorientadora e da estrutura social contemporânea cuja medida de sucesso é a quantidade de dinheiro que um profissional é capaz de acumular, como estimular os estudantes a assumir uma atitude engajada com o princípio da sustentabilidade nos seus projetos? Acredita-se que o primeiro passo é a tomada de consciência sobre as necessidades dos demais membros da sociedade e sobre a responsabilidade de cada um junto aos seus semelhantes.

A ética no Design é a base filosófica para seja possível fazer as escolhas morais e de valores necessárias para o desenvolvimento dos projetos. As decisões morais ocorrem quando se é capaz de identificar a existência de um dilema e pesar conscientemente as alternativas. As decisões entre alternativas serão embasadas nos valores que, muitas vezes, provém de crenças e posturas pessoais e coletivas. Outro aspecto a ser considerado são as consequências das decisões no que se refere aos aspectos sociais, ecológicos e econômicos, ou seja, naquilo que se chama sustentabilidade em projeto. Este processo de enfrentar dilemas e tomar decisões permeia o cotidiano de todas as pessoas e deve estar presente na mente dos profissionais da área de Arquitetura e Design.

5. Considerações Finais

Até o momento é consenso entre estudantes e professores que este projeto possibilitou a vivência de situações específicas que jamais poderiam ter ocorrido no ambiente exclusivo de sala de aula. Habilidades de análise (onde se espera que o indivíduo seja capaz de desmembrar uma realidade complexa em partes até que as relações sejam claras), síntese (capacidade de combinar elementos para formar um novo todo) e avaliação (decisão baseada em critérios pré-estabelecidos, neste caso, necessidades dos usuários e legislação) são fundamentais no trabalho do Designer, mas são de difícil desenvolvimento em contextos usuais de sala de aula.

Por outro lado, não é possível verificar se a solução que será apresentada, a saber, as divisórias entre as camas, serão capazes de resolver o problema de design inclusivo investigado. No estágio atual de desenvolvimento da proposta também ainda não foi possível verificar se vai contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Os estudantes estão desenvolvendo seus estudos preliminares e definindo propostas que serão apresentadas e selecionadas pelos departamentos administrativo e de enfermagem da instituição atendida.

Um projeto como este apresenta diversas dificuldades. É possível destacar o pouco tempo disponível para atividades voluntárias e a desconfiança das instituições na real solução dos problemas. Percebe-se que é extremamente relevante que o projeto seja desenvolvido até a etapa final sob pena de tornar-se meramente um exercício didático, ao invés de uma contribuição verdadeira à comunidade na qual a faculdade está inserida.

Existem poucas dúvidas sobre a crise mundial que enfrentamos atualmente. Esta crise tem relação com aspectos econômicos, sociais e ecológicos. Para contornar esta crise é necessário repensar estas três dimensões dentro de um modelo de desenvolvimento que favoreça as pessoas, respeite os limites ecológicos e garanta um dinamismo econômico, talvez em escala territorial ao invés de mundial.

Para encontrar este novo modelo de desenvolvimento é relevante que cada pessoa individualmente procure examinar qual a contribuição que cada um pode dar em função da sua atividade na sociedade. É necessário assumir um compromisso enquanto professores universitários, estudantes e profissionais de encontrar uma forma de colaborar com a superação do padrão de desenvolvimento excludente e degradante no qual todos estão inseridos agora. Mais especificamente, é fundamental discutir como o ensino do Design poderia ajudar a superar os erros do passado que conduziram à situação atual.

Nenhum projeto de Design está isolado. Tudo o que se faz aqui em Florianópolis, na Dinamarca ou no Zimbábue tem conseqüências sociais, ecológicas e econômicas que, em última instância, afetam a todos. Por isso, é importante discutir e avaliar estas conseqüências em fóruns comuns, através de publicações junto à comunidade científica e no cotidiano de sala de aula.

O Design apresenta alto potencial de contribuição com todas as camadas sociais porque possui um conjunto de conhecimentos técnicos e estéticos que podem melhorar a qualidade do ambiente construído e, conseqüentemente, a qualidade de vida daqueles que os utilizam. Para que isto se concretize é necessário ampliar as discussões teóricas e metodológicas integrando conhecimentos de diferentes áreas para que professores, estudantes e profissionais consigam superar as limitações estabelecidas pela conjuntura econômica e perceber seu papel diante das demandas complexas da sociedade contemporânea.

Referências

- ABNT NBR. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Norma Brasileira 9050. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. 148p.
- BLOOM, B.S.; ENGELHART, M.D.; FURST, E.J.; HILL, W.H.; KRATHWOHL, D.R. *Taxionomia de objetivos educacionais: domínio cognitivo*. Porto Alegre: Globo, 1972. 180 p.
- BÜRDEK, B.E. *Design: história, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Blücher, 2010. 267p.
- CERNEA, M. Putting people first: sociological variables. *Rural Development*, v.1, p.23-66, 1986.
- DISCHINGER, M.; BINS ELY, V.H.M.; PIARDI, S.M.D.G. *Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos*. Florianópolis: MPSC, 2012. 56p.

- FERNANDES, J.C.F.A. Abordagem da Ergonomia para a Análise de Acessibilidade de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos da Cidade de Natal, RN. *Dissertação* (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. 192p.
- FRIEDMANN, J. Rethinking poverty: empowerment and citizen rights. *International Social Science Journal*, v. 148, p. 161-172, 1996 .
- HELFERICH, C. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 546p.
- KARLEN, M. *Planejamento de espaços internos*. São Paulo: Bookman, 2010. 292p.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de Pesquisa*: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2007.
- MEDEIROS, P.R.S; REBOLLAR, P.B.M.; FALHEIROS, M.M.B. Design Inclusivo: prática profissional e cidadania. *Anuário Acadêmico da ABD*. No prelo.
- MOSER, G. Psicologia ambiental e estudos pessoa-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar? *Psicologia USP*, v. 16, n.1, p.131-140, 2005.
- MOXON, S. *Sustentabilidade no Design de Interiores*. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, 2012. 192p.
- PAZMINO, A.V.; SANTOS, A.S. Design e Sustentabilidade: necessidade de quebra de paradigma no ensino. *Mix Sustentável*, v.3, n.1, p.10-16, 2017.
- REBOLLAR, P.B.M.; MEDEIROS, P.R.S.; CARMO, V.B. Design, Ética e Sustentabilidade. In: *Anais do ENSUS 2017 – Encontro de Sustentabilidade em Projeto*. Florianópolis, 2017. p.1175-1183.
- SANTOS, A. Tracing the evolution of design epistemology on social equity. *Mix Sustentável*, v.3, n.1, p.44-51, 2017.